

Antonio Samarone



AS PESTES DO ARACAJU

A CONVIVÊNCIA COM A COVID-19
E OUTRAS MEMÓRIAS

Aracaju-SE

**ArtNer**
EDITORA
Comunicação

2020

© Copyright 2020 by Editora ArtNer Comunicação

Todos os direitos desta edição reservados ao autor. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucro ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome dos autores, título da obra, edição e paginação. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Diagramação
Joselito Miranda

Editoração
ArtNer Comunicação

Capa
Roseilde Reis

Impressão
Infographics

Revisão de texto
Everton Santos

Imagens internas
Arquivo e divulgação

Imagem da Capa
O triunfo da morte, 1562, Pieter Bruegel
Museu do Prado

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

S231m Santana, Antonio Samarone de.
As pestes do Aracaju: A convivência com a peste e outras memórias. /Antonio Samarone de Santana.

- Aracaju: ArtNer Comunicação, 2020.

190 p. il.

ISBN: 978-65-991517-6-7

1. Ciências Médicas- Pandemia
 2. Covid-19 – Pandemia- Sergipe
 - 3.Saúde- Medidas Sanitárias
- I-Título

CDU: 614.4 (813.7)

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária: Jane Guimarães Vasconcelos Santos CRB-5/975

Editora ArtNer Comunicação

Tel.: (79) 99131-7653 • editoraartner@gmail.com • <http://artner.com.br/>

*D*e los diversos instrumentos del hombre, el más asombroso es, sin duda, el libro. Los demás son extensiones de su cuerpo. El microscopio, el telescopio, son extensiones de su vista; el teléfono es extensión de la voz; luego tenemos el arado y la espada, extensiones de su brazo. Pero el libro es otra cosa: el libro es una extensión de la memoria y de la imaginación.

Jorge Luiz Borges

Dedicatória

*D*edico este livro à minha esposa Betânia, ao meu filho Felipe Samarone e à minha sogra, Ninita Lafaiete, que tornaram a minha quarentena mais leve. Betânia e Felipe, vocês são o conforto de minha alma, o Porto Seguro de minha vida.



INTRODUÇÃO

Aracaju, um paradoxo sanitário

*Quem for para Aracaju/
Leve contas pr'a rezar/
Que Aracaju é a terra/
Onde as almas vão penar.*

Quando Inácio Barbosa resolveu transferir a capital de São Cristóvão para os alagados do Aracaju, não imaginou que estivesse se aproximando das pestes.

O povoado Santo Antônio do Aracaju ficava na Colina, mas a cidade desceu para a baixada, às margens do rio Sergipe. Baixada pantanosa, insalubre, infestada de miasmas, tomada por febres malignas, sezões e bexigas.

Aracaju não escolheu um sítio geográfico acolhedor. Tudo foi construído com muito trabalho. O desenho quadriculado de Pirro foi traçado no papel, e os sergipanos o tornaram realidade.

A capital de Sergipe nasceu no furacão da sua maior tragédia sanitária. A cidade, fundada em março de 1855, recebeu o sopro maligno da peste asiática sete meses depois. A grande pandemia de cólera *morbis* matou mais de trinta mil sergipanos.

O fundador de Aracaju, Inácio Barbosa, morreu de sezão braba, em 6 de outubro de 1855, aos 35 anos. A cidade devorou o seu criador.

O alerta foi decisivo: Aracaju necessitava aterrar os seus mangues, apicuns e pantanais. Precisava encontrar água para beber. Remexer dunas e areais, drenar braços de rios e aterrar lagoas.

Os casebres, ruas, avenidas, praças e parques, palácios, mercados, fábricas, quartéis e igrejas, tudo fora construído sobre os charcos.

O medo da peste apressou o passo. A cidade brotou das trevas sanitárias. Esse primeiro aterramento foi pela vida e pela sobrevivência. Um enfrentamento à peste.

A cidade aprendeu a conviver com malária, varíola, febre tifoide, tífos e disenterias. No final do século XIX, a tuberculose (peste branca) surgiu altaneira.

Quando se achava que tudo ia bem, explodiu uma nova peste: a Gripe Espanhola de 1918. Os sergipanos se juntaram ao governo e, num esforço conjunto, eliminaram o mal.

Os sergipanos eram escaldados por grandes desgraças sanitárias, sabiam então o que fazer.

Essa peste de 1918 serviu de estímulo para se iniciar a construção dos serviços de saúde pública e de hospitais. O Instituto Parreira Horta e o Hospital de Cirurgia foram os maiores exemplos.

Aracaju iniciou a construção da sua rede de esgoto sanitário, até hoje não concluída.

A luta dos sergipanos para tornar Aracaju uma cidade saudável, salubre e, quem sabe, bela continua. Tivemos a ajuda da Fundação Rockefeller e dos engenheiros, arquitetos, urbanistas, sanitaristas e políticos visionários.

O primeiro conjunto habitacional de Aracaju, o Agamenon Magalhães, foi construído por razões sanitárias para retirar os pobres e as raparigas da Ilha das Cobras e do Curral do Bomfim. O favelamento de Aracaju foi sufocado.

Na década de 1950, apareceu em Aracaju um mosquito africano, de hábito domiciliar e que transmitia a malária. Foi um desespero. Desmanchamos o morro do Bomfim, drenamos as últimas lagoas, construímos os canais, ocupamos os mangues com aterros e jogamos a cidade por cima.

Como não existiam limitações ambientais, jogamos merda nos rios, invadimos as suas margens, criamos uma capital bela e insalubre.

Os aterros do fundo do Batistão, do entorno da igreja São José e da Coroa do Meio já foram por ambições econômicas.

A Petrobrás chegou! Aracaju se transformou num paraíso da especulação imobiliária.

A cidade foi privatizada. Voltou-se para os interesses econômicos do mercado de imóveis. A cidade perdeu a qualidade de vida. A prefeitura virou um escritório das construtoras. Até hoje!

No alvorecer do século XXI (2020), recebemos a visita inesperada de uma nova peste. Uma doença nova, desconhecida, um vírus agressivo que se espalhou pelo mundo em poucos dias. Aracaju não estava preparada.

Neste momento, a doença continua fazendo o seu estrago. Mas vai passar!

Espero que, no pós-pandemia, os sergipanos que resistirem retomem a tarefa da construção de Aracaju. Concluem a obra de saneamento, despoluam os rios, construam parques, áreas verdes, humanizem a mobilidade, protejam as calçadas, os ciclistas e os pedestres. Preservem o patrimônio cultural.

Preservem o que sobrou dos manguezais, das dunas e das restingas.

No século XIX, quando Aracaju nasceu, o aterramento foi movido por razões sanitárias, uma luta contra os miasmas, em defesa da vida.

No século XXI, os aterramentos são movidos pela ganância econômica, sendo nocivos à saúde e à qualidade de vida.

Aracaju é um paradoxo sanitário. Para nascer, precisou destruir o meio ambiente e, para continuar vivendo, precisa preservar o que restou da natureza.

A preservação do meio ambiente é a principal questão de Aracaju. A sua principal prioridade.

Sei que é difícil enxergar essa realidade ambiental. Tem muita coisa imediata pela frente nos assustando e que precisa de respostas.

Insisto, Aracaju só se tornará uma cidade sustentável quando pudermos nadar no Rio Sergipe, na Rua da Frente. Quando os rios

Poxim, do Sal e Vaza-Barris forem limpos. Quando se puder tomar banho no riacho Tramandaí, no fundo do Batistão.

Aracaju, no pós-pandemia, precisa acabar com o grande fedor da Praia Formosa!

A peste da Covid-19 trouxe essa mensagem ambiental. Aracaju fará a sua parte?

Antonio Samarone

Médico sanitaria

APRESENTAÇÃO 1

Acordo para atender o telefone, era o Samarone, fiquei preocupado, o que será? Era para me comunicar, já que sou seu inveterado leitor, dos seus propósitos de consolidar em um livro os seus escritos e que gostaria de algo meu ali.

Fiquei muito honrado com o convite, mas ponderei que com a quarentena que me submeto a inspiração não chega, haja vista o bombardeio diário e aterrorizante da mídia que não nos permite pensar, quanto mais redigir algo, embora as ideias estejam a borboletear em torno das nossas mentes.

Vivemos momentos trágicos que estão a nos lembrar sempre, e a toda hora das nossas fragilidades.

Como Samarone, também sou do interior, onde aprendi a viver e conviver com a simplicidade da vida, da religião e dos sofrimentos humanos.

Recordo-me que na minha infância em Laranjeiras ouvia de meus pais os relatos das epidemias que por lá passaram, como a peste a varíola, que levaram ambas quase a metade da população da cidade.

As pessoas morriam sozinhas em casa e eram resgatadas pela carroça da prefeitura que as levavam para um morro no final da Rua do Porto Oiteiro, onde eram sepultadas em covas coletivas em um lugar conhecido por Lazareto, embora por lá, nunca tenha havido um ajuntamento de portadores de hanseníase ou sepultado qualquer leproso.

Contudo, endemias lá permanecem e a pior delas ainda sobrevive até hoje na região, a pobreza e fome que assola o Vale do Contiguiba.

Menino, assistia a chegada ao consultório médico, que ficava defronte à casa de meus pais, e no hospital São João de Deus de esqueléticas figuras dos famintos, verminóticos, ascéticos, (estes últimos que recebiam como único tratamento dolorosas paracenteses) tuberculosos, sífilíticos, tracomatosos, meningíticos, diarreicos e maláricos.

Obstruções intestinais por áscaris, por vezes fatais eram comuns nos jovens, mal dos sete dias, infecções puerperais, as vezes nos levava a ver sepultamentos duplos, mãe e filho.

Sobreviviam como este que escreve esta nota, por sorte, driblando o sarampo, coqueluche, meningite, papeira e hepatite, que se somavam as ditas doenças próprias da infância.

Agora com algumas dessas moléstias controladas, estamos a ver as novas viroses ocupando o campo de trabalho da “Velha Parca” para nos conduzir a morte.

As novas medicações e técnicas aumentaram os nossos anos de vida e as doenças bacterianas e parasitárias cederam o lugar as doenças degenerativas, é a época das doenças cardiovasculares, do câncer e das ainda não controladas novas viroses, das quais sabemos muito pouco.

Salvamos vidas com cuidados básicos sem dominar a etiologia.

O terror provocado pela mídia politiza as mortes em todo o mundo.

O vírus democratiza os sofrimentos ataca a todos independentemente de classe, contudo escolhe os mais velhos, os de sangue doce, os hipertensos e os asmáticos, os enfisematosos, e de vez em quando abre uma exceção e ataca também o jovem.

Observa-se, no entanto, que pacientes tratados precocemente em rede hospitalar privada tem mais chance de sobrevivência que nos hospitais estatais.

Como se explica isso?

A saúde não é direito de todos e dever do Estado?

Faltam medicações, vagas em UTI, mão de obra especializada?

O que se observa é que se perde muito tempo em convescotes e não em um planejamento serio com quem entende do assunto. A Covid é uma ameaça grave, mas também uma doença de caráter, haja vista a falta de solidariedade e a ganância demonstrada.

Um empresário vendeu cápsulas de farelo de milho como se fossem de tetraciclina quando da epidemia da cólera.

O que precisamos de novo é um Oswaldo Cruz, com autonomia para decidir e comandar um projeto de saúde apoiado em parâmetros científicos para mais uma vez vencer como já fizemos com a febre amarela.

O colega Samarone, quase que diariamente, discute o tema e fustiga os governantes com sugestões.

Quem o ouve?

Quem quer dar autonomia ao executor?

É isso que aguardamos, é isso que queremos, mudanças não politizadas e comando técnico.

Só assim venceremos a atual pandemia ou ficamos como o poeta Carlos Moliterno que sucumbido entre lutas e glórias cantou nos seus versos:

“Meu barco vence o tempo e vence o medo
Mas rebenta seus mastros, seus velames
E chega a praia naufragado.”

Francisco Guimarães Rollemberg

Academia Sergipana de Letras - ASL

Sociedade Brasileira de Médicos Escritores - Sobrames-Sergipe

APRESENTAÇÃO 2

Algumas considerações sobre o mundo que queremos na pós-pandemia

A pandemia que o mundo enfrenta já nos traz alguns ensinamentos. Sabemos que se trata de uma virose com consideráveis transmissibilidade e mortalidade e que, diante da inexistência de tratamento e vacina com evidências científicas, o isolamento e o distanciamento social adotados no momento e no tempo adequados são, a curto prazo, as medidas de enfrentamento mais eficazes.

Porém, as condições para a implantação dessas medidas em nosso país precisam ser contextualizadas de acordo com a nossa realidade: uma das maiores desigualdades sociais do mundo. Principalmente as desigualdades de renda e de propriedade. Daí, nem tudo que funcionou na Europa vai produzir os mesmos resultados em nosso país.

Metade da nossa população vive em condição de pobreza, com mais de 40 milhões de pessoas em situações de extrema pobreza. Como ficar em casa se muitos não têm teto? Como se alimentar se muitos não têm o que comer? Como adotar bons hábitos de higiene se muitos não dispõem de água em suas casas ou se não podem comprar sabonete, álcool em gel ou água sanitária? E como manter distanciamento social em um ou dois cômodos que abrigam muitas pessoas? São milhões sem acesso à internet e sem certidão de nascimento até para garantir o auxílio de uma renda mínima que

está distante do valor do salário que a nossa Constituição estabelece como mínimo para garantir a vida e a dignidade das pessoas.

Em uma sociedade desigual, a pandemia afeta as pessoas de modo desigual. Desde a prevenção ao tratamento.

Então, nesse cenário, a pergunta que não pode se calar é: se considerarmos as opções – morrer de fome ou de Covid-19 –, quantas mortes evitáveis teremos? Impossível de medir, mas com certeza muitas. E esse problema não pode ser tratado em uma escala de curto prazo, como se quiséssemos que tudo continue como estava. Se há desigualdade social, não dá para pensarmos na manutenção e na continuidade desse padrão de civilidade tribal, excludente.

Um novo pacto é preciso, com participação popular e tendo como base os direitos humanos, a solidariedade e o objetivo de promover a inclusão social.

Aos agentes públicos estão postos os desafios para a adoção de medidas que minimizem os efeitos da pandemia, uma vez que evitá-los totalmente é impossível. E essas medidas requerem ações que contemplem os aspectos sociais e econômicos.

Através do Sistema Único de Saúde, o Estado precisa ser grande, otimizando as políticas públicas de saúde e assistência social, visto que, no mínimo, 80% da população dependem dessas políticas como única alternativa.

Essa crise também está sendo a oportunidade para definitivamente valorizarmos o SUS, tão subfinanciado, precarizado e refém da política partidária.

O nosso Estado nunca precisou tanto garantir o direito à vida, mas vida com dignidade, em abundância, através de moradia, renda básica, proteção e promoção da saúde.

Mas, para quando a pandemia passar, vislumbro dois possíveis cenários.

O da continuidade de tudo como era antes, tudo voltar ao “normal”.

Esse é o pior cenário, “após a pandemia, continua o pandemônio”. A desigualdade social crescente fará com que tenhamos mais pessoas empobrecidas e sobrevivendo em condições caóticas.

Para outro cenário possível, precisamos redistribuir riqueza, a médio e longo prazos, através de um modo de produção com mais justiça econômica e mais justiça social, vinculado à democratização do acesso à educação de qualidade, à prosperidade econômica e ao desenvolvimento sustentável.

Ou seja, só nos resta um olhar para o mundo do bem viver, que tem como primazia a vida, os cuidados com a mãe Terra, a solidariedade, a fraternidade, a alteridade e a responsabilidade social.

Emerson Ferreira da Costa

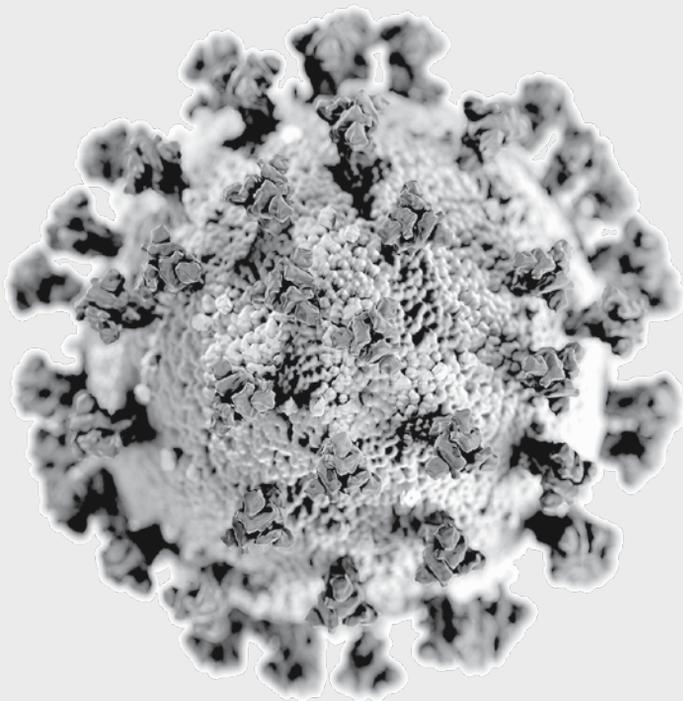
Dermatologista e professor aposentado da UFS

Sumário

A pandemia em Sergipe	17
A quarentena chinesa.....	18
Socorrer os aflitos	19
Medidas sanitárias para quem?	20
Álcool gel ungido	22
Sergipe em tempos de cólera	24
A China e a pandemia	26
Supositório de cloroquina.....	30
O meu herói	32
O dia a dia da peste	35
As pestes e os seus significados	37
A proposta do novo Ministro da Saúde.....	39
As novidades no combate a pandemia	42
A ciência, a pandemia e o pandemônio	45
A pandemia e os sistemas de saúde	47
A pandemia dos velhos	49
No Brasil, a pandemia continua soberana.....	51
Sete palmos de terra e um caixão.....	53
A pandemia em Aracaju.....	55
Isolamento social ou cloroquina?.....	57
Lockdown e controle social.....	60
O grande confinamento.....	63
Só a vacina salva!.....	66
A peste chegou!.....	70
O fim do isolamento social.....	73
Quarentena sem fim.....	75
Abandonem a arrogância!.....	77
O inegável triunfo da morte	80
A peste ocultada.....	83
Assim caminha Sergipe	86
De decreto em decreto, o povo vai morrendo	88
Um São João sem liberdade	91
O vírus é chinês e a ivermectina, aracajuana!	93

Quem vai apurar?	96
Os idosos e a pandemia em Sergipe	97
O medo da peste!.....	99
Um isolamento social sem fim	101
Carta aberta ao Governador	103
Belivaldo Chagas.....	103
<i>Salus populi suprema lex</i>	106
Podemos continuar a viver juntos?	109
Omissão conivente!.....	112
Antes da vacina	115
Chegaram as vacinas?	118
Verdades e meias verdades sobre a peste.....	120
Memórias	123
Mania de doença.....	124
Meus piolhos	126
A loucura em Sergipe	128
Hospitais em Sergipe	130
Os miasmas de Aracaju – impaludismo ou sezão	131
A primeira campanha de vacinação contra a poliomielite em Sergipe (abril de 1962).....	134
Loucos de todos os gêneros	137
Fio da peste	139
Sergipe, em tempos de cólera	141
A Peste Negra	143
As ventas e as ventosidades	146
O cheiro das doenças	148
Basta abrir os olhos.....	151
No princípio era o Verbo.....	154
À flor da pele	156
Azedo ou amargo?	158
Os subterrâneos da Psiquiatria em Sergipe.....	161
A Peste Asiática em Sergipe – 1855	165
As pestes virais na história	176
Os médicos e as pandemias no Brasil	178
Médicos e padres nas pandemias.....	181
As mulheres na Medicina.....	184
Médicos e loucos em Sergipe	186
As heranças da Gripe Espanhola – 1918	189

A pandemia em Sergipe



A quarentena chinesa

Para reduzir os riscos de propagação do coronavírus, a China pôs em quarentena 20 milhões de pessoas, nas cidades de Wuhan e Huanggang. A quarentena é uma medida antiga da saúde pública, é quase bíblica.

Originalmente, quarentena era a segregação de pessoas sadias (suspeitas) por quarenta dias para elas não disseminarem uma determinada doença. A quarentena destina-se aos sadios (suspeitos); o isolamento, aos doentes.

Por que por quarenta dias?

Quarenta é o número da espera, da propagação, da provação e do castigo. A Bíblia marca os fatos principais da salvação com esse número.

Saul, Davi e Salomão reinaram por 40 anos cada um. O dilúvio durou 40 dias. Moisés é chamado por Deus aos 40 anos, passou 40 dias no Monte Sinai e demorou 40 anos para atravessar o deserto.

Os hebreus erraram por 40 anos no deserto.

Jesus pregou por 40 meses, foi conduzido ao templo 40 dias após o nascimento, foi tentado por Satanás por 40 dias e ressuscitou 40 dias após a sua chegada ao sepulcro.

Buda e Maomé começaram as suas pregações aos 40 anos.

A quaresma dura 40 dias. O resguardo pós-parto e o luto duravam 40 dias.

O costume da quarentena provém da crença de que o número quarenta simboliza um ciclo de vida.

A China, com as adequações necessárias, está respeitando a tradição milenar da quarentena.